

DAS PÁGINAS DA FICÇÃO ÀS PRÁTICAS DA HISTÓRIA: ESCRITA E LEITURA INSCRITAS EM TEXTOS LITERÁRIOS

Luzmara CURCINO (UNESP/FCLAr - FAPESP) *

RESUMO: Com vistas a promover uma interface entre os estudos da Análise de Discurso e alguns princípios da História Cultural, no que tocam à abordagem da leitura e a questão da *materialidade discursiva*, pretendemos, neste trabalho, discutir alguns dos postulados que sustentam o projeto de uma história das práticas de escrita e de leitura, conforme apresentado na obra mais recente do historiador Roger Chartier, “*Inscriver e apagar: Cultura escrita e literatura (séculos XI a XVIII)*”.

RÉSUMÉ : À fin d’établir une interface entre les études d’Analyse de discours et quelques principes d’Histoire Culturelle, en ce qui concerne plus spécifiquement les remarques sur la lecture et sur la *matérialité discursive*, on entend réfléchir sur des postulats qui soutiens le projet d’une histoire des pratiques d’écriture et de lecture, dans l’oeuvre *Inscrire et effacer – Culture écrite et littérature (XI^e-XVIII^e siècle)* de l’historien Roger Chartier.

1. Introdução

Neste trabalho, pretendemos discutir alguns dos postulados que sustentam o projeto de uma história das práticas de escrita e de leitura, conforme apresentado na obra mais recente do historiador Roger Chartier, “*Inscriver e apagar: Cultura Escrita e Literatura (séculos XI a XVIII)*”. Nessa obra o autor se ocupa das práticas de escrita: aquelas que foram feitas para durar e aquelas que foram feitas para uma existência breve, temporária, que não deixam quase rastro nenhum, conforme o autor anuncia na introdução de seu livro:

O medo do esquecimento obcecou as sociedades européias da primeira modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deviam desaparecer. A pedra, a madeira, o tecido, o pergaminho e o papel forneceram os suportes nos quais podia ser inscrita a memória dos tempos e dos homens. No espaço aberto da cidade, como no refúgio da biblioteca, na magnitude do livro, como na humildade dos objetos mais simples, a escrita teve por missão conjurar a obsessão da perda. A tarefa não era fácil num mundo em que as escritas podiam ser apagadas, os manuscritos perdidos, os livros sempre ameaçados de destruição. Paradoxalmente, seu sucesso poderia criar, talvez, um outro perigo: o de uma proliferação textual incontável, de um discurso sem ordem, nem limites. O excesso de escrita, que multiplica os textos inúteis e abafa o pensamento sob o acúmulo de discursos, foi considerado um perigo tão grande quanto seu contrário. Temido, o apagamento era portanto necessário, assim como o esquecimento também o é para a memória. Nem todos os escritos foram destinados a tornar-se arquivos cuja proteção os subtraíam da imprevisibilidade da história. Alguns foram traçados sobre suportes que permitiam escrever, apagar, depois escrever de novo.” (Roger Chartier, 2007, p. 7).

Para dar conta de certas práticas do passado, sem registro direto, considerando que as sociedades quanto mais distantes temporalmente e geograficamente da nossa, deixam menos traços para sua interpretação e compreensão, já que são mais raros os documentos com testemunhos diretos de suas práticas, os historiadores culturais voltaram-se também para registros indiretos, como as formas materiais dos objetos empregados por essas sociedades, e para a literatura.

Eles, então, segundo os historiadores Rioux & Sirinelli (1997), enfocam as formas de representação do mundo adotadas pelas sociedades, ou seja, se voltam para o questionamento dos modos como as sociedades se representam e representam o mundo (o pensamento, a relação com o outro, o trabalho, o lazer, os valores,

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Araraquara, integrante do GEADA (Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara/SP) e do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso (UFU- Universidade Federal de Uberlândia) . Este texto faz parte de minha pesquisa financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 03/03943-1). Contato por e-mail luzcf@hotmail.com

a diversão, as ciências, as técnicas, as crenças, os sistemas religiosos e profanos, etc.) por meio dos objetos culturais. Enfim, a História Cultural busca os diferentes modos como as diferentes sociedades, em diferentes momentos, representam sua realidade, suas práticas, por meio de seus diversos objetos culturais¹.

Os historiadores culturais do livro foram os pioneiros na adoção dessa abordagem e os responsáveis pela delimitação do campo de estudos da História Cultural, com destaque para o trabalho desenvolvido por Roger Chartier. Esses historiadores partiram da análise do livro para a compreensão da história da leitura, partiram da análise de como os textos eram materializados e circulavam numa determinada sociedade para, então, descreverem os possíveis e diferentes modos de apropriação de que eram suscetíveis esses textos. Com o objetivo de apreender, a partir da forma material dos objetos culturais, alguns indícios de sua apropriação pelas sociedades que não exerciam as mesmas práticas de leitura que nos são tão familiares atualmente, Roger Chartier buscou, nessa obra, refletir sobre as representações das práticas de escrita, inscritas no texto literário. O objetivo do autor foi o de estabelecer as obras literárias como fontes históricas para a apreensão de *objetos e práticas que pertencem à cultura escrita de seu tempo*. Assim, esses objetos e práticas, ao se tornarem *uma fonte estética mobilizada para fins poéticos, dramáticos ou narrativos*, inscrevem sua cultura e se oferecem como objeto para uma história futura (CHARTIER, 2007, p. 8). Segundo o autor,

Para deslocar assim a fronteira traçada entre a Literatura, tida como um domínio particular de criações e de experiências, e as produções e práticas mais ordinárias da cultura escrita é necessário aproximar o que a tradição ocidental separou durante muito tempo: de um lado, a compreensão e o comentário das obras; de outro, a análise das condições técnicas ou sociais de sua publicação, circulação e apropriação. (CHARTIER, 2007, p. 8)

O autor cita várias razões para essa dissociação entre a Literatura e as práticas de produção e circulação de seus textos, entre elas:

a permanência da oposição entre a pureza ideal da concepção e sua inevitável corrupção pela matéria, a definição do *copyright*, que estabeleceu a propriedade do autor sobre um texto considerado como sempre idêntico a ele mesmo, não importando qual seja a forma de sua publicação ou, ainda, o triunfo de uma estética que julga as obras independentemente da materialidade de seu suporte.” (CHARTIER, 2007, p. 8).

Se a proposta não consiste na delimitação de objetos de análise histórica absolutamente inéditos, trata-se, sem dúvida, do estabelecimento de um novo olhar, de uma nova compreensão acerca da história das práticas de escrita e de leitura do passado.

Mobilizando desde obras e autores da Alta Idade Média como o padre e também poeta Baudri de Bourgueil, que em suas poesias cantava suas “tabuinhas de cera”, seu “estilete” e a própria “cera” que recobria as tabuinhas, passando por Cervantes e sua obra *Dom Quixote*, na descrição do *librillo de memória* de Cardênio e da descrição detalhada das prensas da Espanha do Século de Ouro (século XVI); a Ben Jonson, que descreveu em uma de suas peças, no início do século XVII, na Inglaterra, ‘O comércio de notícias’, e o processo de produção manuscrita, em série, dessas ‘notícias’; ou, como Cyrano de Bergerac descreveu em sua “Viagem aos Impérios do sol e da lua” os livros como portais de acesso a esses Impérios assim como objetos desses Impérios descritos em suas excentricidades; ou ainda o tratamento metafórico dado por Carlo Goldoni em sua peça *Mirandolina* para a arte de “tecer” textos; até, finalmente, Diderot, com sua “Carta sobre o comércio do livro”, em que se apresentam questões acerca da liberdade de imprensa, dos direitos autorais (*copyright*), o historiador francês nos apresenta, portanto, vários exemplos dos modos de produção e circulação dos textos inscritos nessas obras literárias, percorrendo o período do século XVI ao século XVIII, na Europa.

¹ Por ‘objeto cultural’ compreendemos todos os objetos produzidos e apropriados por uma sociedade historicamente identificada, cujas formas materiais podem assinalar, enfim, projetar, as práticas de sua produção e de sua apropriação, ou seja, são os objetos de que os historiadores culturais se ocupam, cuja função principal é a de remeter à própria cultura de uma dada sociedade, aos modos como os sujeitos produziam e se apropriavam de objetos os mais diversos, de livros a perfumes, da escrita a letras de músicas, de pinturas a fotografias, de ferramentas a brinquedos, de móveis a prédios, de aparelhos de comunicação a lápis, canetas, etc. objetos, que por sua existência material específica, podem-nos evidenciar usos e práticas do passado, culturas as quais não podemos ter acesso senão por esses rastros indiretos.

2. Um breve exemplo

Um exemplo interessante dessas representações de práticas inscritas nos textos literários é apresentado pelo autor por meio de sua análise das várias traduções francesas de Dom Quixote, nas quais variam a designação dada em francês ao objeto descrito por Cervantes como *librillo de memória*. Essas diferenças apontam para as diversas recepções culturais da obra de Cervantes.

No capítulo XXIII da Primeira Parte de *Dom Quixote*, quando entram na Serra Morena, Sancho e Dom Quixote encontram *um coxim e uma maleta que lhe estava presa, todos dois, meio podres, totalmente desfeitos*. Nessa maleta, que Sancho examina a pedido de Dom Quixote, eles encontram:

Quatro camisas de tecido fino da Holanda e roupas tão delicadas quanto limpas; e num lenço encontra uma boa pequena quantia de escudos de ouro; e mal os tinha visto, gritou: “Bendito seja todo o Céu que nos enviou uma aventura proveitosa!” E, mexendo mais um pouco, descobriu **um pequeno caderno de notas, ricamente ornado**².

Assim, a designação empregada por Cervantes, *un librillo de memoria ricamente guarnecido*, é traduzida diversamente, conforme indica o autor, nas versões em francês:

UN PETIT CARNET DE NOTES, RICHEMENT ORNÉ

um pequeno caderno de notas, ricamente ornado
(Organizada por Jean Canavaggio, Gallimard, 2001)

UN PETIT LIVRE DE SOUVENIRS RICHEMENT RELIÉ

um pequeno livro de lembranças ricamente encadernado
(Tradução de Louis Viardot, [1837], Garnier-Flamarion, 1969)

UN CARNET DE VOYAGE, RICHEMENT RELIÉ

um caderno de viagem, ricamente encadernado
(Tradução de Aline Schulman, Le Seuil, 1997)

DES TABLETTES FORT RICHEMENT ACCOMMODÉES

tabuletas muito ricamente acomodadas
(*Le Valeureux Don Quixote de la Manche*, Paris, 1639)

DES TABLETTES RICHEMENT GARNIES

tabuletas ricamente guarnecidas
(*Histoire de l'Admirable Don Quichotte de la Manche*, Paris, 1798)

Roger Chartier também analisa as traduções de Dom Quixote para o inglês e nelas também encontra uma certa regularidade histórica quanto as mudanças nas designações do *librillo de memória*:

SMALL DIARY / MEMORANDUM BOOK/ NOTEBOOK

Pequeno diário / Livro de memórias / Caderno de notas
(New translation by Edith Grossman, New York, Ecco, Harper Collins, 2003)

A TABLET VERY COSTLY BOUND

Uma tabuinha suntuosamente encadernada
(*The History of the Valorous and Witty Knight-Errant Don Quixote of the Mancha*, trad. de Thomas Shelton, Londres, 1652)

² Trad. bras. Cervantes, *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*. trad. Viscondes de Castilho e Azevedo adaptada à ortografia vigente e acorde com as edições espanholas mais autorizadas, Edição ilustrada de Gustavo Doré, Rio de Janeiro: Editôra José Aguilar Ltda, 1960.

A LITTLE POCKET-BOOK RICHLIY BOUND

Pequeno livro de bolso ricamente encadernado

(The Life and Exploits of the Ingenious Gentleman Don Quixote de la Mancha, trad. de Charles Jarvis, Londres, 1747)

A POCKET-BOOK ELEGANTLY BOUND

Um livro de bolso elegantemente encadernado

(The History of the Renowned Don Quixote de la Mancha, trad. de Charles Henry Wilmot, Londres, 1774)

Em português, levantamos três exemplos que dão uma pequena amostra da variedade das traduções, dessas designações dos objetos de escrita que podem ou não corresponder aos objetos culturais de que dispomos atualmente.

UM PEQUENO CADERNO DE NOTAS, RICAMENTE ORNADO

(Trad. bras. Viscondes de Castilho e Azevedo, Edição ilustrada de Gustavo Doré, Rio de Janeiro: Editôra José Aguilar Ltda, 1960)

UM LIVRINHO DE LEMBRANÇAS RICAMENTE ARRANJADO

(Trad. bras. Viscondes de Castilho e Azevedo, São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003)

UM LIVRINHO DE MEMÓRIAS, RICAMENTE GUARNECIDO

(Trad. bras. Eugênio Amado, Edição ilustrada de Gustavo Doré, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997)

Nessas traduções vemos as diferentes interpretações que a expressão empregada por Cervantes para designar um objeto de escrita da época recebem em conformidade com os objetos culturalmente comuns a uma sociedade num determinado momento histórico. Segundo o autor as oscilações quanto à tradução recaem, portanto, ora sobre a natureza do “*librillo*”, ora sobre o sentido da expressão “*ricamente guarnecido*”, compreendida como a descrição de sua encadernação, ou melhor, de sua ornamentação. Diante dessas oscilações, o autor então pergunta: qual é o objeto que Dom Quixote e Sancho encontraram numa maleta perdida num caminho poeirento da Mancha? Questão para a qual o autor busca a resposta na análise de dicionários contemporâneos à obra de Cervantes, com vistas a identificar o objeto de escrita em sua especificidade, assim como busca a resposta no próprio texto de Cervantes, voltando-se para a análise do próprio texto literário que, nessa parte específica, é atravessado pela questão da memória e de sua fragilidade. Nesse fragmento do texto, Dom Quixote deseja escrever uma carta à Dulcinéia e decide se valer do *librillo de memória* que encontraram. Dom Quixote decide que escreverá a carta que deverá ser levada por Sancho até um escrivão do vilarejo mais próximo, que a copiará sobre o papel e a enviará a seu destino. Por medo de que a carta se “apague” ou que Sancho perca o *librillo*, Dom Quixote obriga seu escudeiro a decorar a carta. Nesse capítulo XXIII, da Primeira Parte de Dom Quixote, a memória é descrita como efêmera, passageira, frágil e, portanto, apagável como o são os escritos sobre as “tabuinhas de cera”, que eram empregadas normalmente para rascunho, para guardar brevemente escritos feitos para serem apagados, tão logo fossem passados a limpo sobre sua superfície de inscrição definitiva. É pela análise dessa fonte literária que o historiador francês consegue responder à questão que formulara anteriormente.

Assim, além de se voltar para a análise dessas diferentes formas de materialização do texto de Dom Quixote, em suas diversas traduções, o autor se interessa pelas formas materiais dos textos, por seus suportes, que participam da produção do texto e garantem sua circulação, dando às obras não apenas um corpo, mas também parte de sua alma, parte de sua significação.

A apreensão desses objetos e práticas do passado não vistos, não vividos pelo pesquisador só podem ser promovidos por meio dos registros e sinais do passado que chegam até o historiador (PESAVENTO 2004, p. 42). As obras literárias, como registro histórico-cultural dessas práticas guardam então em sua escrita ‘fictícia’, uma história do passado, do tempo em que foram escritas e circularam socialmente.

A consideração privilegiada da materialidade do objeto, na obra de Chartier, configurou-se em uma certa ‘teoria do suporte’, segundo a qual não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler (CHARTIER, 1996, p. 127), de onde deriva o incontestável fato de que a significação, ou melhor, as significações, histórica e socialmente diferenciadas de um texto, qualquer que ele seja, não podem separar-se das modalidades materiais que o dão a ler aos seus leitores. (CHARTIER, 1998, p. 105).

Essa preocupação com a materialidade dos textos, dos objetos culturais que suportam esses textos, apresenta, para nós, uma possibilidade de análise para o campo de estudos do discurso, sobretudo no que toca à análise de textos literários. Tendo em vista a indissolubilidade de toda e qualquer produção discursiva, entre as instâncias de **constituição**, de **formulação** e de **circulação** dos discursos (ORLANDI, 2001), reiteramos as relações intrínsecas e indissociáveis entre essas três instâncias que participam da *materialidade discursiva*. Desse modo, é preciso reiterar a real interdependência entre essas instâncias: não existe discurso sem memória e sem filiações históricas, mas tampouco existe discurso sem uma formulação simbólica e sem uma manifestação material que possibilite sua circulação e apropriação.

Esse princípio caro a Chartier, segundo o qual, *um ‘mesmo’ texto, fixo em sua letra, não é o ‘mesmo’ se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação* (CHARTIER, 2002, p. 256), nos convida a refletir sobre a noção de *materialidade discursiva*. Há algo da ordem da materialização e da circulação que faz com que um texto seja lido de um modo e não de outro, algo que se liga às propriedades e ao regime de circulação de seu suporte, à representação histórico-institucional que lhe é atribuída na economia dos demais suportes e de seus gêneros tipográficos, numa dada sociedade. É esse algo que convida os analistas de discurso, os historiadores e os estudiosos da literatura a refletirem juntos, sobre o discurso, sobre a leitura, sobre os sentidos.

3. Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. [1998]. *À beira da falésia*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar. Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)*. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira, São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

ORLANDI, Eni. P. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). Introduction. In: *Histoire Culturelle de la France*, tomo I, Paris: Le Seuil, 1997.